

## **O leitor literário: reflexões acerca da sua formação**

Kátia Andrade Inez Silva

UEL – PG

Rosimeire dos Santos

UNESP – FCL Araraquara – PG

Thaís Nascimento do Vale

UNESP – FCL Assis – PG

Stelamary Aparecida Depincieri Laham

UNESP – FCL Araraquara – PG

**RESUMO:** O capítulo aqui apresentado aborda temas intrinsecamente ligados à formação do leitor, iniciando pela retomada dos conceitos de leitura e do ato de ler. Também, discute o conceito de ideologia, tendo em vista que compreendê-la no interior de um texto auxilia na compreensão deste. Por fim, traça o perfil do leitor brasileiro à luz da pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação do Leitor. Leitura e Ideologia. Perfil do Leitor no Brasil.

### **Introdução**

No universo escolarizado e também fora dele, é comum conferir importância à leitura do texto literário para crianças, jovens e adultos. No entanto, na maioria das vezes, o discurso propagado não se realiza na prática por diversos motivos: formação de professores, ausência de espaço adequado para bibliotecas e salas de leitura, acervos de obras pouco diversificados.

De outro ponto de vista, no entanto, observa-se que há uma preocupação em alterar o *status quo* brasileiro em relação à precariedade, ou mesmo à ausência, de leitores entre nossos alunos e professores. Entre as obras que compõem o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, temos tanto aquelas destinadas aos alunos, como aquelas indicadas ao

incentivo da leitura por parte dos professores, aprimorando sua prática por meio de obras de apoio pedagógico.

Entre os títulos de livros do PNBE 2010 para os professores, no âmbito da literatura e da formação de leitores destacamos: 1) *Literatura Infantil Brasileira* – um guia para professores e promotores de leitura (SILVA, 2008); 2) *Literatura Infantil* – teoria, análise, didática (COELHO, 2000); 3) *Leitura nas séries iniciais*: proposta para formação de leitores de literatura (BALDI, 2009); 4) *Literatura na formação de leitores e professores* (MAIA, 2007); 5) *Literatura Infantil*: múltiplas linguagens na formação de leitores (GEGORIN FILHO, 2009); entre outros.

Além disso, para os alunos das séries iniciais, por exemplo, foram enviados pelo PNBE às escolas seis Acervos Complementares para Alfabetização e Letramento nas diferentes áreas do conhecimento. Cada acervo possui trinta livros, totalizando 180 obras. Mas no que se refere à promoção da leitura literária, um dado curioso acerca das obras submetidas ao Edital PNLD Obras Complementares 2013 é que, das 1344 obras, apenas 471 foram classificadas como “obras da área de Linguagens e Códigos”, enquanto 359 dessas obras eram da “área de Ciências Humanas e Temas Transversais” e 514 da “área de Ciências da Natureza e Matemática” (BRASIL, 2012).

Ainda no que se refere às obras inscritas no edital acima citado, quando subdividas em dez tipos, verificamos que apenas 334 se inserem no que se denominou “Livros literários narrativos”, sendo as demais categorias: 2) História em quadrinhos: 22; 3) Biografias: 25; 4) Livros de história, com foco em conteúdos curriculares: 461; 5) Livros de divulgação do saber científico; obras didáticas (verbetes, textos didáticos): 184; 6) Livros instrucionais: 13; 7) Livros de imagens (sem legenda): 43; 8) Livros de palavras; livros de imagens com legendas; livros com textos rimados de apresentação das letras do alfabeto: 47; Livros de cantigas, parlendas, trava-línguas, jogo de palavras, poemas: 110; 10) Outros (obras mistas, com vários gêneros; materiais de atividades didáticas encadernadas; obras pedagógicas)<sup>105</sup>. (BRASIL, 2012)

Atentar para tais questões é importante porque se, por um lado, a diversidade de gêneros textuais é algo que deve permear a sala de aula, por outro, o modo como aparecem não pode estar desvinculado de seu uso social real. Desta forma, um livro narrativo que dialogue com outros gêneros textuais é desejável, mas um livro que se pretenda suporte textual para um gênero que não circula socialmente em livros nos parece um equívoco do ponto de vista didático. Outro ponto que deve ser observado são as obras que se apresentam

como literárias, mas que possuem um viés claramente didático, isto é, o uso da literatura como pretexto para o ensino de determinado conteúdo.

### **Leitura, formação de leitores e ideologia(s)**

Amorim (2008), em *Beto, o analfabeto*, descreve o sonho da personagem que anseia saber ler e escrever:

[...] Não sabia ler, é claro e, de porta em porta, continuou catando restos. Até que, num outro dia, caprichando em mais uma coleta, encontrou alguém a quem falar do seu achado. E falou do livrinho e o descreveu: continha letras, mais nada. Eram letras diferentes, desenhadas no capricho, meio apagadas, mas bonitas como nunca tinha visto nas placas, como nunca tinha visto na vida. Aí confessou velho sonho: saber ler e escrever. (AMORIN, 2008, p. 75-76).

Este sonho também faz parte da realidade de 8,4% da população brasileira, pois desenvolver os conhecimentos referentes à leitura e à escrita oportunizam um novo olhar sobre o mundo e uma nova forma de participação na sociedade. A leitura é fundamental para que o sujeito seja, realmente, inserido na sociedade do século XXI. Chartier afirma que “A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados” (1998, p.77). Entre outras vantagens, ela propicia ao sujeito acesso às informações que circulam socialmente, desenvolvimento do pensamento crítico e emancipação intelectual. Nesse sentido, é possível entender que

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. [...] dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. (MARTINS, 1993, p. 32)

Pensar, portanto, em leitura é pensar na relação leitor-texto, em uma perspectiva dialética, estabelecida por meio da interação do sujeito – o leitor – e o que está sendo lido. Para pensar em leitura, é preciso refletir nas estratégias de leitura e no modo de ler, voltados para a atribuição de sentidos. Sob a ótica de Silva (1984), ler é

[...] em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo. (SILVA, 1984, p.45)

Uma vez retomados estes conceitos, é preciso discorrer sobre como acontece a formação do leitor no Brasil. Conforme já mencionado, a formação de leitores é uma das mais nobres funções da escola, sendo esta a instituição

[...] responsável pela transmissão dos conhecimentos elaborados historicamente e sistematicamente organizados em uma estrutura curricular, exerce um papel fundamental na transformação dos sujeitos ao propiciar-lhes a apropriação desses conhecimentos e desenvolver-lhes as habilidades, capacidades e aptidões necessárias ao processo de sua objetivação como seres humanos. (ARENA; MILLER, 2011, 342)

Em ambiente escolar, a formação de leitores se concretiza por meio do contato entre os sujeitos-leitores com textos bem escritos e em situações socioculturais reais, em que a leitura se faça presente e necessária. Assim, dentro da escola, todos os educadores são responsáveis pela formação de leitores e deveriam se envolver com o desenvolvimento deste conteúdo – a leitura –, partilhando com os alunos suas escolhas enquanto leitores, lendo com eles e para eles bons textos literários, percebendo que a formação de leitores será fruto da relação advinda da aproximação do leitor com o texto lido mediada pelo professor durante situações positivas de práticas de leitura. Conforme afirma Martins:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasia, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar o acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá [...] algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, ideias, situações reais ou imaginárias. (MARTINS, 1993, p. 34)

Para isso, é preciso retomar as palavras de Jouve (2002) que alerta para a necessidade de considerar a leitura como

[...] uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção. (JOUVE, 2002, p.109)

Em outro trecho, o autor continua a mesma ideia ao considerar que

Ler, de certa forma, é reencontrar as crenças e, portanto, as sensações da infância. A leitura, que outrora ofereceu para nosso imaginário um universo sem fim, ressuscita esse passado cada vez que, nostálgicos, lemos uma história (JOUVE, 2002, p.117)

Embora a formação de leitores se inicie de maneira prazerosa, paulatinamente, ela caminhará para além do prazer gerado pela leitura de textos literários, estendendo-se para a leitura de outros gêneros textuais. Dessa forma, o posicionamento desta pesquisa é que a formação de leitores se inicia por meio da leitura de textos literários.

Outro aspecto relevante surge da compreensão de que ler é atribuir sentido e formar leitores é permitir ao sujeito a possibilidade de se emancipar intelectualmente e de ter acesso aos bens culturais. Emancipado, esse indivíduo torna-se capaz de compreender a intencionalidade do autor, presente na ideologia posta no texto lido, por meio da linguagem utilizada, das relações estabelecidas entre o verbal e o não verbal e do estabelecimento das relações entre texto e seu contexto de produção.

O trabalho de formação de leitor não é uma tarefa simples. Considera-se que este trabalho é uma opção política da escola e de seus profissionais, que poderão escolher entre “[...] dar oportunidade para que sua tarefa se cumpra de modo global, transformando então o indivíduo habituado à leitura em um leitor” (ZILBERMAN, 1982, p. 17) ou se irão se omitir diante do seu papel primordial, compactuando com o cenário atual, em que, após doze anos nos bancos escolares, muitos alunos ainda saem da escola com dificuldades para compreender os textos que leem.

Devido às características<sup>15</sup> da sociedade pós-moderna em que está inserida, a escola tem colaborado para a ‘produção’ cada vez maior de leitores incapazes de questionar as ideias trazidas pelo autor e cuja história de vida passa distante dos livros, objetos geralmente desvalorizados pelo contexto social em que estão inseridos. Conforme Werkmeister (1993), pesa, na formação do leitor, além da oferta de materiais de leitura, o diálogo estabelecido com seus pares sobre os textos lidos. Isso porque somente viver cercado de material escrito não garante a formação de um leitor, é preciso também que se tenham exemplos de leituras dos familiares, amigos e professores; mas que se priorize o estabelecimento de momentos na rotina do leitor nos quais seja possível ‘conversar’ sobre os textos lidos, relatar experiências leitoras voltadas para a indicação e troca de livros.

A partir do perfil e dos seus interesses em relação à leitura, Aguiar (2011) buscou caracterizar os ‘tipos de leitores’, discorrendo brevemente sobre o que vem a ser o leitor apressado, leitor superficial, leitor compulsivo, leitor técnico, leitor profissional e leitor diletante. Também estabeleceu uma contraposição entre o que chamou de leitor ingênuo e o

---

<sup>15</sup> De acordo com Freitas (2012), são características da Sociedade Pós-Moderna: exacerbada valorização do desenvolvimento tecnológico, do individualismo e do consumismo; intensa busca do bem-estar e supervalorização do EU; globalização; desconstrução da barreira entre o pessoal e o público; instantaneidade e subjetividade do tempo; entre outras.

leitor profissional, caracterizado por ser “[...] curioso e atento [...], que preenche os não ditos da página e se posiciona e reage frente às ideias e aos sentimentos que a obra provoca” (AGUIAR, 2011, p. 111). Dessa forma, diante da leitura de um texto lido, o leitor profissional deve ser capaz de perceber suas características quanto ao gênero do discurso ou à linguagem apresentada, assim como deve ser capaz de perceber a ideologia do veículo em que está posto o texto lido. Desta forma, somente um leitor efetivamente preparado é capaz de ler um texto com um olhar crítico, de posicionar-se diante dele e de perceber sua ideologia.

Com a finalidade de aprofundar no conceito do vocábulo *ideologia*, cabe aqui investigar a origem desse termo e apresentar algumas definições para ele.

Historicamente, o vocábulo *ideologia* surgiu como ciência na França do século XIX, tendo um significado nobre até que Napoleão, em um discurso ao Conselho do Estado, tornou-o pejorativo. Mais tarde, nos séculos XVIII e XIX, os pensadores Comte<sup>16</sup>, Durkheim<sup>17</sup> e Marx<sup>18</sup> redefiniram este termo à luz de suas próprias concepções. Em relação à definição dada por Bottomore, em *Dicionário do Pensamento Marxista*,

[...] os verdadeiros problemas da humanidade não são as ideias errôneas, mas as contradições sociais reais e que aquelas são consequência destas. [...] Enquanto os homens, por força de seu limitado modo material de atividade, são capazes de resolver essas contradições na prática, tendem a projetá-las nas formas ideológicas de consciência, isto é, em soluções puramente espirituais ou discursivas que ocultam efetivamente, ou disfarçam, a existência e o caráter dessas contradições. Ocultando-as, a distorção ideológica contribui para sua reprodução e, portanto, serve aos interesses da classe dominante. (2001, p. 184)

Assim, a ideologia posta nas palavras não ditas de um texto serve aos interesses de determinados grupos sociais que legitimam a perpetuação do sistema capitalista. A definição dada por Bottomore tem continuidade nas palavras de Bakhtin (1992) que caracteriza a ideologia como:

[...] parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, [...] também reflete e

<sup>16</sup> Augusto Comte (1798 a 1917) foi filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo. A Teoria Positivista defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro e que somente é correta uma teoria que já foi comprovada através de métodos científicos válidos. Os positivistas não consideram os conhecimentos ligados às crenças e às superstições, pois não são passíveis de comprovação científica. Para Comte, o progresso da humanidade depende exclusivamente dos avanços científicos.

<sup>17</sup> Émile Durkheim (1858 a 1917) foi um sociólogo, psicólogo social e filósofo francês, tido como pai da sociologia. Também era Positivista e foi influenciado por Comte.

<sup>18</sup> Karl Marx (1818 a 1883) foi um intelectual e revolucionário alemão, que numa parceria com Engels fundou o “materialismo histórico” - um método de estudo da sociedade, da economia e da história que procura as causas de desenvolvimentos e mudanças na sociedade, considerando as relações entre as classes sociais, suas estruturas políticas e as formas de pensar de uma dada sociedade.

refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. (BAKHTIN, 1992, p. 21)

Pode-se entender, dessa forma, que o contexto social em que está inserido e a intencionalidade do autor influenciam, diretamente, nas escolhas feitas pelo escritor para a sua construção. O texto nunca está isolado da realidade que o cerca e para compreendê-lo é preciso refletir a respeito da ideologia em suas entrelinhas. Em consonância com os conceitos citados, Chauí (1984) afirma que ideologia é um conjunto de

[...] ideias ou representações pelas quais os homens procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas ideias tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. (CHAUÍ, 1984, p.21)

Por se tratar de ideias ou representações, não é simples identificar e até entender a ideologia posta em um texto, sendo sua presença notada nas mais diversas formas de enunciados, expressando-se nos textos lidos por meio de escolhas lexicais propositadas, de acordo com os interesses de seu autor ou do grupo social ao qual ele pertence. A fim de exemplificar isso, cita-se um dos maiores compositores da Música Popular Brasileira, Chico Buarque de Hollanda, que durante o Período da Ditadura no Brasil compôs sucessos como “Apesar de Você”, “Domingo no parque” e “Cálice”, que pregava o questionamento do sistema político por meio de uma ideologia posta em cada verso de sua música, buscando a volta da democracia e o fim do regime ditatorial. O verdadeiro posicionamento do compositor em relação ao sistema da época nem sempre era percebido pelos órgãos de censura da época por causa das escolhas lexicais feitas por ele.

Nos dias atuais, os veículos de comunicação como jornais e revistas, manifestam sua ideologia de diferentes formas e em diferentes momentos: no momento em que selecionam as notícias que irão ao ar ou que terão maior espaço no material impresso, quando selecionam as fotografias que irão ilustrar suas matérias, na forma como o discurso será organizado, nas vozes de autoridade que se farão presentes nos textos, no *layout* da primeira página (no caso dos jornais impressos), no *layout* da capa (no caso de revistas impressas), nas escolhas lexicais para a elaboração da manchete, entre outros. Estes momentos, sempre norteados por uma ideologia que somente pode ser percebida por leitores atentos, capazes de entender que, durante a escrita de um texto, nenhuma escolha é ingênua ou aleatória, sendo parte de um processo consciente e proposital daqueles que trabalham no e para determinado veículo de comunicação.

De modo geral, acredita-se que um leitor ingênuo (AGUIAR, 2011) não consiga perceber a ideologia posta nos textos lidos e, conseqüentemente, não compreenderá as relações de poder postas por eles. Tudo isso aliado à atitude passiva do leitor frente ao texto lido, aliena-o. Bottomore ressaltava que para Marx, alienação é

[...] ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados aos resultados ou produtos de sua própria atividade. [...] a alienação é sempre alienação de si próprio ou autoalienação, isto é, alienação do homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade). (BOTTOMORE, 2001, p. 05)

Complementando estas palavras, Chauí (1984) define alienação como:

[...] resultado da própria ação social dos homens, da própria atividade material quando esta se separa deles, quando não podem controlá-la e são ameaçados e governados por ela. A transformação deve ser simultaneamente objetiva e subjetiva: a prática dos homens precisa ser diferente para que suas ideias sejam diferentes. (CHAUÍ, 1984, p. 79)

As definições trazidas para o termo alienação evidenciam o quão forte é o seu significado, pois ser considerado sujeito alienado é ser alguém alheio à realidade que o cerca e, portanto, incapaz de contestá-la ou modificá-la.

Para finalizar esta seção, é necessário que se entenda que, uma sociedade composta por leitores ingênuos (AGUIAR, 2011), conseqüentemente, será formada por indivíduos alienados, que não são capazes de questionar as relações sociais nas quais estão inseridos ou as relações de poder historicamente construídas, pois não conseguem compreender a ideologia por trás dos textos lidos ou das situações vividas. A consequência disso será a perpetuação de situações de exploração e de dominação, além da impossibilidade de uma mudança social efetiva.

Todos os textos possuem uma ideologia, seja ela declarada ou não. De acordo com Bakhtin (1992):

A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos [...] não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica [...] banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele. (BAKHTIN, 1992, p. 36)



Portanto, nenhum texto está dissociado de uma ideologia ou alheio ao contexto em que foi produzido. O leitor que compreende isto é capaz de questionar os textos com que se depara, bem como as ideias que os compõem. Desse modo, esse leitor pode refletir sobre as situações de dominação presentes nos Aparelhos Ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 1970), além da realidade social na qual está inserido.

### **O perfil do leitor brasileiro do século XXI**

Ao pensar na formação de leitores, é impossível não pensar nos leitores de Literatura Infantil, que desde muito cedo enveredam pelo mundo das histórias. Uma das grandes escritoras brasileiras, Ana Maria Machado (2002), descreve o seu primeiro contato, ainda na infância, com as personagens da Literatura Clássica. Em suas memórias, embora não se lembre da idade que tinha, a autora narra como conheceu algumas das mais interessantes personagens da literatura universal: Dom Quixote e Sancho Pança<sup>19</sup>

Não sei direito com que idade eu estava, mas era bem pequena. Mal tinha altura bastante para poder o queixo em cima da escrivaninha de meu pai. [...] Só que no meio do caminho tinha outra coisa. Bem diante dos meus olhos, na beirada da mesa. Uma pequena escultura de bronze, esverdeada e pesada, numa base de pedra preta e lustrosa. Dois cavalos. Mais exatamente, um cavalo esquelético seguido por um burrico roliço. Montado no primeiro, e ainda mais magrelo, um tristonho cavaleiro de barbicha segurava uma lança numa mão e um escudo na outra. Escarrapachado no jumento, um gorducho risonho, de braço estendido para o alto, erguia o chapéu como quem dá vivas [...]. (MACHADO, 2002, p. 8)

As palavras de Machado evidenciam um contexto familiar privilegiado, em que ela, ainda menina, ouvia de seu pai leituras dos trechos de clássicos da literatura universal. Ela conta ainda que, durante a infância, foi sendo aproximada da literatura de maneira natural, que resultou na leitora voraz que é hoje. Nessa mesma obra, Machado também cita alguns escritores famosos que afirmaram ter se aproximado da leitura ainda na infância, por meio de influências de pessoas próximas. Como exemplos, ela cita o jurista Evandro Lins e Silva (*apud* MACHADO, 2002) que ainda menino ouvia, encantado, sua mãe ler os contos de fadas

<sup>19</sup> O livro *Dom Quixote*, escrito por Miguel de Cervantes (1547-1616), é uma das obras mais conhecidas da literatura mundial. Ele narra a história de Dom Quixote de La Mancha, o cavaleiro andante, que vive diversas aventuras pelo interior da Espanha ao lado de seu escudeiro Sancho Pança e de seu cavalo Rocinante. Influenciado pela leitura dos contos de cavalaria medieval, o fidalgo Dom Quixote partiu em busca de grandes aventuras. Era sonhador e dotado de uma imaginação muito fértil, passou por situações maravilhosas, chegando a lutar contra os moinhos de vento, achando que fossem gigantes. Seu escudeiro Sancho Pança era realista e fiel, e acompanhou seu senhor durante toda a sua jornada por terras espanholas. A narrativa, sempre mergulhada no imaginário e nas fantasias da personagem principal, que passa por várias situações de privação, o que desperta um sentimento de simpatia no leitor. Além disso, a fé e o entusiasmo de Dom Quixote encantam o leitor, pois os sentimentos do cavaleiro são nobres e puros.

e depois conversava com ele sobre os livros que havia lido; ou o romancista José Lins do Rego (*apud* MACHADO 2002), que foi extremamente influenciado pelas histórias tradicionais ouvidas, ainda menino, da boca de uma ex-escrava no engenho.

Como os escritores citados, os leitores, já na infância, entusiasmam-se com as práticas dos leitores-adultos com os quais convivem. Essas influências podem vir tanto da leitura em voz alta de trechos de livros e de conversas sobre livros que leram, quanto de indicações animadas de leituras que tenham feito. De diversas maneiras estes ‘adultos leitores’ se tornam referências para os iniciantes, aproximando-os ou afastando-os do mundo da leitura e da literatura, ajudando ou não a formar a chamada ‘biblioteca vivida’. De acordo com Ferreira (2008), a biblioteca vivida constitui-se num repertório de leituras literárias que permite ao leitor desfrutar de um texto em nível mais profundo e perceber, em cada texto lido, suas referências em relação a outro lido anteriormente.

Em geral, essa aproximação prazerosa entre o leitor e a leitura não faz parte do cotidiano de parte da população brasileira, que começa a ter contato com a leitura e a literatura quando inicia o período de escolarização. Com o escopo de obter informações sobre quem são os leitores no Brasil, o que têm vivenciado em relação à leitura, quais os gêneros mais lidos e os escritores que mais admiram; utilizamos dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (edição 2011)<sup>20</sup>, cuja finalidade é traçar o perfil e avaliar o comportamento do leitor<sup>21</sup> brasileiro, de maneira breve, visando pensar quem é o leitor que a escola tem formado.

Um dos itens observados pela pesquisa, intitulado ‘Principais Influenciadores’ busca levantar dados sobre quem seriam os sujeitos que exerceram maior influência na formação dos entrevistados. Para isso, foi feita a seguinte pergunta: Qual é a pessoa que mais influenciou ou incentivou o seu gosto pela leitura? Os dados obtidos revelaram que a maior influência foi exercida pelos professores (45% dos entrevistados) e, em segundo lugar, pela mãe ou pelo responsável, também, de sexo feminino (43% dos entrevistados). A influência do professor confirma que, atualmente, a formação de leitores passa obrigatoriamente pela intervenção da escola e pela mediação, seja esta realizada por meio de práticas que aproximem os alunos do universo literário ou por meio de situações em que o professor encanta seus alunos com as leituras que apresenta.

---

<sup>20</sup> Pesquisa realizada em 2011, pelo Instituto Pró-Livro, em sua 3ª edição entrevistou 5.012 pessoas, com 5 anos ou mais, alfabetizados ou não, residentes em 315 municípios brasileiros.

<sup>21</sup> Foram considerados leitores todos os entrevistados que afirmaram ter lido pelo menos um livro nos três meses anteriores à pesquisa e foi considerado livro tanto os livros tradicionais, digitais ou eletrônicos, quanto áudio-livros digitais, livros em braile até apostilas escolares. Não foram considerados livros: manuais, catálogos, folhetos, revistas, gibis e jornais.

Em seu subitem Perfil – Estudante e Escolaridade, a pesquisa estabeleceu uma comparação entre o percentual de leitores e de não leitores no Brasil. Os resultados apontaram que o segmento “Leitores” é formado por 48% de estudantes e 52% de não estudantes. Já no segmento “Não Leitores” apresentou 16% de leitores e 84% de não leitores, o que reforça a ideia de que as práticas escolares contribuem para o aumento do número de leitores, pelo menos no período em que estes sujeitos frequentam os ambientes escolares. Portanto, se os resultados referentes ao subitem Perfil – Estudante e Escolaridade forem analisados isoladamente pode-se entender que a escola tem conseguido aproximar os estudantes do universo literário e do mundo das letras, seja favorecendo o acesso aos diversos materiais impressos ou exigindo leituras ditas obrigatórias. Contudo, a escola ainda não tem conseguido alcançar seu objetivo de formar leitores, uma vez que o sujeito para de ler à medida que deixa de frequentá-la.

Outro item importante da pesquisa diz respeito ao levantamento de dados que buscam identificar o significado da leitura para os entrevistados. Esse subitem, denominado “Leitura no imaginário dos brasileiros”, trouxe informações preciosas em relação ao modo como os leitores entendem o ato de ler. Foi solicitado que os participantes apontassem em média três respostas que atendessem à pergunta: Qual frase melhor explica o que é leitura? As respostas apresentadas foram variadas constituindo um grupo maior que vê a leitura positivamente e outro que a vê de maneira negativa. Entre os entrevistados que veem a leitura de maneira positiva, 64% consideraram que a leitura lhes trará mais conhecimento e 36% responderam que ler é uma atividade prazerosa ou uma atividade interessante.

No grupo que concebe a leitura negativamente, as respostas dadas em relação à pergunta “O que a leitura significa?” foram: ler ocupa muito tempo, é uma atividade entediante e uma prática obrigatória. Estes sujeitos, certamente, encontram algumas barreiras para compreender os textos lidos e não enxergam a leitura como uma prática social e, sim, como uma prática escolar, sendo necessária somente durante a escolarização.

Ainda de acordo com a referida pesquisa, cada brasileiro lê em média 3,74 livros/ano, o que não é muito tendo em vista que neste índice estão incluídos os livros que não são lidos por completo (cerca de dois livros/ano) e os livros didáticos. Índice baixíssimo, principalmente, se compararmos o Brasil com outros países da América Latina e, alarmante, se pensarmos qual o conceito de livros<sup>22</sup> para esta pesquisa. De acordo com dados do *Centro regional para el fomento del libro em America Latina y el Caribe* (CERLALC/UNESCO), o

---

<sup>22</sup> São considerados além dos livros tradicionais e os audiolivros, também as apostilas escolares e livros didáticos.

primeiro lugar no *ranking* de leitura entre os latinos estão os chilenos, com a média anual de 5,4 livros/ano por habitante, seguidos pelos argentinos, com 4,6 livros/ano e, em terceiro lugar, aparece o Brasil.

A pesquisa apresenta dados sobre o tipo de material de leitura que os entrevistados costumam ler, sendo que cada entrevistado apresentou a média de três itens como resposta à pergunta: “Quais destes materiais você lê, mesmo que de vez em quando?”. A maioria dos entrevistados afirmou ler livros técnicos ou com temas relacionados ao trabalho, seguidos de revistas, jornais e quadrinhos. Em relação aos livros, 47% dos entrevistados afirmaram ler os livros indicados pela escola, entre literários e didáticos. Já os audiolivros e livros digitais foram citados em apenas 6% das respostas, o que indica que os brasileiros ainda optam pela leitura de livros impressos. Em relação ao acesso dos brasileiros aos materiais de leitura, a pesquisa levantou um dado interessante, pois os brasileiros buscam ter acesso a esses materiais, seja por meio de compras ou de empréstimos feitos com amigos ou em bibliotecas (resposta apresentada por 56% dos entrevistados).

Em relação ao item “Quais destes tipos de livros você costuma ler?”, que buscou levantar dados sobre os gêneros mais lidos pelos entrevistados, as respostas dadas foram as mais variadas. Os brasileiros costumam ler a bíblia, livros didáticos, história em quadrinhos, livros de autoajuda, livros técnicos, enciclopédias, livros de culinária e artesanato, livros de artes, roteiros de viagens e esoterismo. Tendo em vista o foco desta pesquisa, a formação do leitor, buscou-se separar os dados da pesquisa voltados aos gêneros literários por entender que o trabalho voltado para a formação de leitores começa com a leitura literária. As respostas apresentadas foram variadas, sendo que os entrevistados afirmaram que costumam ler: romances (31%), contos (23%), literatura infantil (22%), poesia (20%), além de literatura juvenil.

As respostas dadas à pergunta “Qual escritor brasileiro você mais admira?”, também, foram inúmeras, tendo sido citados pelos entrevistados 197 escritores. Desta enorme lista, foram citados, respectivamente, os seguintes autores: Monteiro Lobato, Machado de Assis e Paulo Coelho. Em contraposição à Edição 2007 desta pesquisa, não foram citados importantes nomes da literatura brasileira como: Ruth Rocha, Castro Alves, Raquel de Queiroz e Luís Fernando Veríssimo.

Em resposta à pergunta “Qual o livro mais marcante?”, os entrevistados se referiram a 844 livros, sendo que os três mais citados pelos entrevistados, respectivamente, foram: a Bíblia, *A Cabana* e *Ágape*, todos de cunho religioso; o que evidencia que o brasileiro prefere ler livros religiosos e de autoajuda do que livros literários. Ainda em relação a esta pergunta,

os pesquisadores de *Retratos da Leitura no Brasil* (2011) perceberam que alguns clássicos da literatura brasileira não foram citados pelos entrevistados, em contraposição ao que aconteceu na edição anterior, na qual apareciam: *A Escrava Isaura*, *Gabriela Cravo e Canela*, e *O Primo Basílio*. Causa estranhamento o fato de que os entrevistados não tenham citado estas obras na edição 2011, em particular a obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, uma vez que este título consta tanto na lista de leituras obrigatórias proposta pelas escolas aos alunos do Ensino Médio, quanto na lista de leitura obrigatória de grandes vestibulares do Brasil.

Dessa forma, por meio da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2011), é possível estabelecer o perfil do leitor no Brasil: branco (41%), com renda salarial média de 2 a 4 salários mínimos mensais (52%), de religião católica (64%), que já concluiu a escolaridade básica (68%) e que estudou em escola pública (85%). Em geral, ele costuma ler menos que quatro livros por ano, não chegando a lê-los por inteiro, abandonando a leitura de pelo menos dois destes livros antes de chegar ao seu final. Este leitor costuma ler livros impressos, sendo muito influenciado pelas sugestões de leituras de seus professores. Prefere livros didáticos e de autoajuda do que literários, e acredita que os livros que tenham marcado sua vida sejam os de cunho religioso.

A partir da pesquisa analisada é possível concluir que o leitor que a escola forma hoje é alguém que lê pouco, que tem pouco contato com os clássicos da literatura universal, que está distanciado dos grandes autores da literatura brasileira e que prefere a leitura de livros de cunho religioso e de autoajuda.

Retomando o conceito de leitor citado anteriormente, o leitor é alguém que compreende o texto lido em sua completude: sua forma, o contexto em que foi produzido, a linguagem utilizada pelo autor, a ideologia posta nas suas entrelinhas, sua intencionalidade, entre outros aspectos. Ao entender estes aspectos postos no texto, sua leitura torna-se prazerosa e interessante.

Em relação à ideia de formar leitores críticos que compreendem os aspectos ideológicos presentes nos textos lidos, abordado na subseção anterior, é preciso refletir em que medida a ideologia dos textos lidos em sala de aula tem sido objeto de discussão com os alunos. Também é preciso pensar se durante o período de escolarização têm sido proporcionadas, aos alunos, situações significativas de práticas de leitura em que seja possível discutir sobre os textos que leem. De acordo com Lerner (2002):

O necessário é fazer da escola um âmbito onde a leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir

textos sejam direitos, o que legítimo exercer e responsabilidade que é necessário assumir. (LERNER, 2002, p.18)

Portanto, é preciso que se realize uma análise crítica a respeito da formação de leitores em todos os níveis de ensino para que seja possível avançar em relação a este tema, sendo emergencial uma análise das práticas implementadas na formação de professores, partindo do pressuposto de que o professor que não é leitor terá mais dificuldade em mediar situações de práticas de leitura em sala de aula e, conseqüentemente, de traçar trajetórias que possibilitem a formação do leitor literário.

## Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. A formação do leitor. *Caderno de formação: formação de professores – didática geral*, São Paulo, vol.11, São Paulo: UNESP/Cultura Acadêmica, p. 104-116. 2011.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 9.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1970.
- AMORIN, Drummond. *Beto, o Analfabeto*. Sabará, MG: Dubolsinho, 2008.
- ARENA, D. B. e MILLER, S. *A constituição dos significados e dos sentidos no desenvolvimento das atividades de estudo*. Ensino em Re-Vista, v.18, n.2, p.341-353, jul./dez. 2011.
- BALDI, Elizabeth. *Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura*. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 5.ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BRASIL, Senado Federal. *Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional: nº 9394/96*. Brasília; 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Acervos complementares: Alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: A Secretaria, 2012.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP, 1998. 160 p.
- CHAUÍ, Marilena de Sousa. *O que é ideologia*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- FERREIRA, Eliane Ap. Galvão Ribeiro. *Construindo histórias de leitura: a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida*. 300p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2008.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Editora Melhoramento, 2009.
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LERNER, Délia. *Ler e Escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. São Paulo: Ática, 2002.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e porque ler os clássicos desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. Goiânia: Cênese, 2008, 272 p.
- WERKMEISTER, D. N. *A formação do leitor de literatura: histórias de leitores*. Tese (Doutorado) - PUCRS, Porto Alegre, 1993.
- ZILBERMAN, R. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: \_\_\_\_ (Org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 91-115.

## Sites Pesquisados

<http://cod.ibge.gov.br>  
<http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/>  
<http://www.prolivro.org.br/ipi/publier4.0>  
[www.fnnde.gov.br/programas/livros-didático](http://www.fnnde.gov.br/programas/livros-didatico)

### **Atividade**

1. Busque no acervo do PNBE um livro teórico para sua leitura. Com base nas questões apontadas no texto, verifique se a obra aborda a formação de leitores: apresente no Fórum suas considerações sobre a perspectiva ideológica da obra lida.